

## MACHADO POR UM OLHAR DIGITAL

### Texto de:

Tatiane Marques de Oliveira Martins  
e José Emílio Ventura

### Professores que participaram do desenvolvimento do trabalho com os alunos:

Tatiane Marques de Oliveira Martins (Língua Portuguesa)  
Sandra Marques Parracho Sant'Anna (Redação)  
Ronaldo Rocha (Informática)  
José Emílio Ventura (Informática)  
César Goudouris (Informática)

*“O poeta deve imaginar visualmente tanto o que seu personagem vê, quanto aquilo que acredita ver, ou que está sonhando, ou que recorda, ou que vê representado, ou que lhe é contado, assim como deve imaginar o conteúdo visual das metáforas de que se serve precisamente para facilitar essa evocação visiva.”*

Ítalo Calvino. *Seis propostas para o próximo milênio.*

**RESUMO:** O propósito deste artigo é apresentar um trabalho prático para desenvolver a capacidade de leitura e seleção de boa informação, através de recursos multimídia. Para isso, é necessário que o professor, antes um facilitador através do qual o conhecimento era transmitido ao aluno, seja agora aquele que o ensina a transformar o excesso de informação em conhecimento. Já que a escola não pode ignorar as inovações tecnológicas – meios de comunicação mais atraentes que os tradicionais recursos didáticos –, ela deve inseri-las no seu cotidiano.

Em observação às necessidades atuais de interação e aquisição de informação adequada à nova realidade, principalmente na Internet, as disciplinas de Língua Portuguesa, Redação e Informática desenvolveram, em 2008, um trabalho no Colégio Santo Agostinho – Leblon, Rio de Janeiro, em formato WebQuest (WQ), cuja proposta era conhecer Machado de Assis, aproveitando o ano do centenário de sua morte. Depois de selecionados quinze contos desse autor, os alunos, divididos em grupos, criaram uma variação da narrativa que coube a cada grupo; em uma segunda etapa, o mesmo grupo produziu uma animação em *scratch* sobre o mesmo conto lido e, finalmente, os participantes das etapas anteriores escreveram um e-mail, fazendo-se passar pelo escritor, um homem do século XIX.

## TEORIZANDO

Sabemos que o professor do século XXI tem que concretizar em sua formação que a educação não mais se faz pura e simplesmente pela transmissão de seu saber ao aluno. Muito mais que mero facilitador é a pessoa que leva outra pessoa a “aprender a aprender”. Cabe-lhe, portanto, viabilizar um processo que transforme o excesso de informação, a que todos nos sujeitamos, em conhecimento. Paulo Freire, numa visão antecipada do que estava para acontecer com o advento das tecnologias contemporâneas de informação e comunicação, já pregava que

quem apenas fala e jamais ouve; quem 'imobiliza' o conhecimento e o transfere a estudantes, não importa se de escolas primárias ou universitárias, quem ouve o eco apenas de suas próprias palavras, numa espécie de narcisismo oral (...), não tem realmente nada que ver com libertação nem democracia. (FREIRE, 2005: 26-27)

Atualmente, a televisão, o cinema, o DVD, o *I-pod*, o celular, o *laptop* ou *netbook* (reprodutores móveis e pessoais de som, de imagem e de outras mídias) e a internet promovem a aliança entre os códigos verbal e não-verbais. Todas essas ferramentas e meios de comunicação fazem parte do nosso cotidiano, seduzindo muito mais que os tradicionais recursos didáticos presentes na maioria das salas de aula, as quais não apresentam o colorido e/ou animação característicos dos novos recursos tecnológicos.

Segundo Halliday, “os seres humanos, crianças e adultos, aprendem mais rápida e eficientemente se tiverem uma razão para assim proceder.” (1974: 123) Como a nossa cultura hoje é eminentemente multissensorial, sobretudo por força dos meios de comunicação de massa, a escola não pode ignorar as inovações tecnológicas e os recursos com os quais convivemos. São eles os verdadeiros facilitadores da aprendizagem, porque usam a linguagem da criança e do adolescente; materializam em imagens o que antes era de difícil entendimento ou simplesmente desinteressante para o aluno.

Pensar por imagens significa visualizar – para muitos, materializar, concretizar – aquilo que é dito ou expresso por palavras. Não significa algo oposto ou incompatível ao pensar por palavras. Se Ítalo Calvino, escritor, já apresentava que a criação literária deve unificar essas duas expressões do pensamento, atentando para a reversibilidade destes processos imaginativos, o que dirá a escola, formadora de pessoas para o mundo em que todos os sentidos são usados, explorados e exigidos?

Marco Silva, em *Sala de aula interativa*, afirma que

As novas tecnologias interativas renovam a relação do usuário com a imagem, com o texto, com o conhecimento. (...) Na modalidade comunicacional interativa permitida pelas novas tecnologias informáticas, há uma mudança significativa na natureza da mensagem, no papel do emissor e no estatuto do receptor. A mensagem torna-se modificável na medida em que responde às solicitações daquele que a consulta, que a explora, que a manipula. Quanto ao emissor, este assemelha-se ao próprio designer de software interativo: ele constrói uma rede (não uma

rota) e define um conjunto de territórios a explorar; ele não oferece uma história a ouvir, mas um conjunto de territórios abertos a navegações e dispostos a interferências e modificações, vindas da parte do receptor. Este, por sua vez, torna-se 'utilizador', usuário' que manipula a mensagem como co-autor, co-criador, verdadeiro conceptor. (2006: 11 – grifo nosso)

Esse mesmo autor acrescenta que, fazendo uso das tecnologias hipertextuais, o usuário inclina-se naturalmente para uma postura de menor passividade diante do que é transmitido. Ele pode gerir, compartilhar, produzir informação. Não apenas recebê-la pronta e fechada. (SILVA, 2006: 15) O problema é que hoje estamos sendo expostos a uma quantidade ilimitada de informação e até a televisão, antes o terror dos professores que não conseguiam cativar mais a atenção de seus alunos, está sendo preterida pelos jovens. Eles agora preferem a internet, pois nela o usuário tem condições de selecionar apenas o que deseja ver/ler/(re)produzir enquanto na TV não há como controlar a verborragia informativa a não ser mudando de canal, para pular de uma “verborragia” para outra.

Esse novo poder vem sendo conquistado à medida que a criança vai crescendo diante de uma tela de computador. Ela passa a ter acesso fácil a conteúdos – antes só ensinados na sala de aula – através da tecnologia, que hoje faz parte da vida de todos, principalmente dos que já nasceram depois do surgimento da internet. Talvez, com isso, estejamos vivendo a grande mudança de perspectiva do início do século XXI. “Com o hipertexto (...) o conhecimento deixa de situar-se no plano da emissão do saber, para emergir da atividade conexional na base do e... e.” (2006: 16) Isso, no entanto, não resolve a questão da leitura e do amadurecimento da criança. Ao contrário, se antes reclamávamos que os jovens liam pouco, hoje vemos que eles substituem a leitura plena pela leitura de fragmentos. O sucesso da ferramenta *Google* é a prova dessa superficialidade de leitura dos jovens dessa geração. A informação vem seccionada, partida. Nossos alunos não precisam mais fazer pesquisas em enciclopédias muito menos ler grandes clássicos. Tudo aparece na telinha colorida deles num piscar de olhos: respostas, resumos, trabalhos prontos... O que eles veem, portanto, são inúmeros “recortes e colagens” de informações.

O que fazer então? Não podemos entrar em guerra contra a internet. Tampouco podemos admitir que a formação de nossos alunos se faça de modo

ainda mais fragmentado do que já era. A solução que encontramos para isso está em um velho ditado popular: “Se não pode vencê-lo, junte-se a ele.”

O primeiro passo a fazer é conhecer, o melhor possível, as facilidades e possibilidades de trabalho com o uso de computador e da *internet*. A partir daí, é estudo e pesquisa todo o tempo, pois não se pode mais atualizar-se somente em sua especialidade (Língua Portuguesa, Biologia, Matemática, História, Geografia etc.). É necessário também estar atento às inovações (diárias!) que este meio promove.

Com ou sem *internet*, entretanto, não podemos esquecer que a leitura continuará sendo um dos maiores instrumentos para transformar o ser humano. É com a leitura e pela leitura que nos tornamos efetivamente Homens no que tange ao nosso entendimento de Civilização. No livro *Leitura e Realidade*, Ezequiel Theodoro da Silva escreve que no processo de hominização a leitura é vista como uma das reais conquistas da espécie humana. Gustavo Bernardo Krauzer, por sua vez, afirma, em *Redação inquieta*, que “a atitude de ler é metonímia da vontade de entender o mundo” (KRAUZER, 1991: 12). Constatamos, a partir do que Ana Maria Machado expressou em seu livro *A Audácia dessa mulher*, citando Virgínia Woolf, que estabelecemos relações entre tudo aquilo que lemos ao longo da vida e é dessa forma que produzimos conhecimento: “Os livros continuam uns aos outros, apesar de nosso hábito de julgá-los separadamente”. (MACHADO, 1999: 185)

Se a leitura, à medida que abre o caminho para o conhecimento, é a base para a real constituição do Homem enquanto Homem, não podemos deixar que ela se esvaia em fragmentos superficiais. A objetividade e a rapidez das pesquisas não podem gerar perda de conteúdo nem de desenvolvimento da capacidade de inferir – afinal boa parte da inferência já é feita por essas ferramentas.

Acreditamos que o grande desafio da educação dessas novas gerações, na verdade, não seja a leitura em si, o desenvolvimento da leitura, mas a organização do conhecimento. Nesse ponto é que entram hoje, a partir de nossa experiência, os recursos midiáticos na aprendizagem porque, a tela, como um novo espaço de escrita e leitura, proporciona processos cognitivos novos e diferentes, modelos de conhecimento antes inimagináveis, abordagens de leitura e maneiras de escrever

distintas. Na verdade, o que vemos é a necessidade de um novo letramento do qual os professores não podem se eximir e a escola não pode se omitir.

Moacir Gadotti (cf. SOARES, Magda) afirma que a mídia informa, mas não produz conhecimento por si só. Segundo esse autor, cabe à escola “formar para ler a informação e, sobretudo, produzir informação e conhecimento”. Os professores têm de, com seus alunos, (re)construir a partir do que a mídia lhes oferta.

Para esse autor, o mestre deixará de ser o “lecionador para ser um gestor do conhecimento social (popular), o profissional que seleciona a informação e dá/constrói sentido para o conhecimento, um mediador do conhecimento.” Ele tem como desafio incentivar os alunos nessa viagem, nesse mundo multimídia que transcende a escola e no qual eles estão envolvidos. Precisa direcioná-los para que não seja só uma exposição à informação. O educador passa a ser o grande motivador de aprendizagem e “oportunizador” para a correta exploração das novas mídias.

## **EXPERIMENTANDO**

Em observação às necessidades atuais de interação e de aquisição de informação adequada à nova realidade, principalmente na internet, foram desenvolvidos em 2008 dois trabalhos no 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Santo Agostinho-Leblon, na cidade do Rio de Janeiro. Ambos envolvendo Língua Portuguesa, Redação e Informática. O primeiro tinha como objetivo explorar a leitura de poemas e a reconstrução deles através da produção de animações e vídeos. O objetivo era “materializar” o entendimento de um texto literário em código verbal – em que se desdobram as metáforas e imagens figuradas – em uma apresentação cujo código principal fosse o não-verbal. O segundo – que vamos apresentar neste artigo – foi desenvolvido já com a experiência de elaboração do primeiro e com a visão dos resultados obtidos com a produção dos alunos. Nesse projeto, acreditamos ter explorado ainda mais os recursos multissensoriais para o desenvolvimento da aprendizagem.

Em formato *WebQuest* (*WQ*), a proposta era conhecer Machado de Assis, senão o maior, um dos maiores escritores da Literatura Brasileira. Aproveitamos o ano do centenário de sua morte para, a partir de uma detalhada pesquisa na internet

– pesquisa esta feita antecipadamente por nós, elaboradores da *WQ* –, apresentar uma boa e diversificada relação de *sites*, textos, vídeos e animações já existentes na *Web* sobre esse escritor.

Em grupos de três alunos, cada um teve de escolher um papel a assumir: investigador, jornalista ou crítico literário. Com o olhar próprio do papel escolhido, os alunos percorreram separadamente um caminho, para construir um conhecimento específico sobre Machado de Assis. Após esse primeiro momento individual, tendo cada um produzido um texto de acordo com sua função – relatório, reportagem e resenha, respectivamente –, os alunos tiveram de realizar três tarefas juntos. Foram elas:

1. Criar uma variação da narrativa do conto principal explorado pelo grupo (cada grupo ficou responsável por explorar melhor um dos contos propostos, para que todos, ao final, conhecessem bem cada um dos quinze contos selecionados para o trabalho), utilizando os mesmos personagens dos contos machadianos. Era necessário fazê-los viver uma história cujo enredo fosse trazido para o cenário e a época atuais. Eles tiveram de apresentar suas personagens vivendo conflitos interiores, sociais ou familiares, semelhantes aos dos personagens desse grande escritor brasileiro, só que na contemporaneidade. O texto tinha também de ser construído obedecendo aos conhecimentos adquiridos sobre a estrutura do gênero narrativo em questão: o conto.
2. Produzir uma animação em *scratch* sobre o mesmo conto lido e trabalhado pelo grupo. Para essa animação, o grupo teve de representar as partes mais importantes do conto lido, de forma que a essência da história fosse bem caracterizada. Nesse trabalho, os alunos não poderiam deixar de fazer uma pesquisa sobre o século XIX, pois tinham de caracterizar adequadamente o ambiente e os personagens.
3. Escrever um e-mail fazendo-se passar por Machado de Assis. Nessa etapa, com um lado lúdico (o presente sendo “invadido” pelo passado), os alunos tiveram de tentar imaginar como Machado de Assis, um homem do século XIX, escritor, sarcástico, escreveria tal e-mail. Com esse e-mail pudemos ver como os alunos “degustaram” a obra desse escritor. Avaliamos a capacidade de

representar o que aprenderam do estilo machadiano analisando a seleção vocabular feita, as colocações pronominais, as formas de tratamento e as construções frasais utilizadas. Além disso, foi trabalhada a capacidade de argumentar para convencer outro colega a ler o conto que eles conheceram mais a fundo.

Sem dúvida todo esse processo foi trabalhoso, tanto para nós professores quanto para os alunos, mas e o que tiramos disso? Será que as informações adquiridas sobre Machado de Assis vão passar como muitas outras que todos recebemos (nós professores também passamos por isso) ao longo de nossa formação escolar? Acreditamos que não, pois eles tiveram de ler, pesquisar, escrever, partilhar, reescrever, criar desenhos, imagens, trabalhar com som, vídeo. Tudo isso é trabalhoso, mas também prazeroso e, tudo que dá prazer acaba produzindo o sentido primeiro do “saber de cor”, isto é, saber de coração. Além disso, a oportunidade de troca, do “tecer junto” como usa Edgar Morin, é que é literalmente complexo, e, portanto, profundo.

Lembrando João Cabral de Melo Neto (1994: 345):

1

*Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito de um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.*

2

*E se encorpando em tela, entre todos,  
se erguendo tenda, onde entrem todos,  
se entretendendo para todos, no toldo  
(a manhã) que plana livre de armação.  
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
que, tecido, se eleva por si: luz balão.*

## CONCLUINDO

A partir dessa pequena amostra, fazendo uma analogia, diríamos que esse trabalho tem como objetivo preparar o aluno para lidar com a informação, da mesma forma que um jogador tem que lidar com a bola; um cantor, com o microfone; um cirurgião, com o bisturi. Com intimidade, segurança e firmeza. A informação não está acessível para ser mal utilizada nem tampouco para não ser utilizada. Ao contrário, ela “deseja” ser vista, lida, mexida, transformada. Objetiva-se, através dos meios que fazem parte do desenvolvimento diário das novas gerações, aguçar nuns e liberar noutros a disposição para lidar com tanta informação além de desenvolver a capacidade de inferenciação que tem de ir além do que a ferramenta já faz.

É extremamente necessário e urgente ajudar os educandos a formar uma opinião social com relação aos progressos tecnológicos para que possam analisar as possibilidades e as consequências através de olhos que veem o que tem de ser visto, isto é, aqueles olhos críticos geradores do Homem como ser dentro de um contexto social.

Em vez de lutar contra essa nova realidade, em vez de ignorar o fascínio que os novos recursos tecnológicos provocam em todas as crianças e jovens – e também na maioria dos adultos –, deseja-se ir ao encontro do que vem se desenvolvendo nos últimos anos. A escola – e os professores! – não pode mais se omitir. Precisamos assumir que estamos vivendo um momento de desconstrução do paradigma educacional passado e lutar por uma escola em sintonia com a atualidade. Como analisa Edgar Morin, em *Introdução ao pensamento complexo*, temos que “reaprender a aprender”. É imprescindível, portanto, revisar as metodologias utilizadas no processo de aquisição do conhecimento, já que os materiais tradicionalmente utilizados não são suficientes para atender às dinâmicas socioespaciais atuais.

Quanto mais se explorar a totalidade dos sentidos humanos para contextualizar e experienciar o ensino, melhor se dará a aprendizagem. As ferramentas multimídias são poderosas para contextualizar o conhecimento de modo a levar o aluno a assimilar o conteúdo mais intuitivamente. Em contrapartida a essas possibilidades, o grande desafio dos professores, portanto, é saber aproveitar essas novas tecnologias para usá-las no ensino e, assim, melhor atingir os sentidos de

seus alunos. Esses recursos permitem inclusive um tratamento mais personalizado para se chegar ao aluno fora da sala de aula, pois a interatividade aprimora o que já sabe e permite avaliar o seu nível de aprendizado.

São dois – e distintos – os desafios, portanto: 1) trazer a tecnologia para a sala de aula como fator facilitador da aprendizagem e 2) tentar não só uma aproximação com a realidade do novo aluno, mas também agenciar os meios em que ele está inserido como forma de tirar proveito da aquisição de um dado conhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNARDO, Gustavo. **Redação inquieta**. São Paulo: Globo, 1991.
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. – 46.ed – São Paulo: Cortez, 2005.
- GADOTTI, in: SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002008100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100008)  
Acesso em: 22/09/08.
- HALLIDAY, M. A. K.; MCLINTOSH, Angus; STREVENS, Peter. **As ciências linguísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2004.
- MACHADO, Ana Maria. **A audácia dessa mulher**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1999.
- MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**. Volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MONTERO, Rosa. **A louca da casa**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 4ª ed., 2006.
- SILVA, Ezequiel T. da. **Leitura e realidade brasileira**. 2ª ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

### **César Goudouris**

Especialista em Redes de Computação pela PUC-RJ; Licenciado em Informática pela Cândido Mendes; Coordenador de Informática do Colégio Santo Agostinho.

E-mail: [cesar@csa.com.br](mailto:cesar@csa.com.br)

### **José Emílio Ventura da Silva**

Pós-graduado em Análise de Sistemas, pós-graduado em Banco de Dados, Bacharel em Matemática, Licenciado em Informática, Professor Auxiliar da Universidade Estácio de Sá, Professor Ensino Fundamental Colégio Santo Agostinho, Professor de Ensino Médio - Colégio Estadual Olavo Bilac.

E-mail: [emilio@csa.com.br](mailto:emilio@csa.com.br)

### **Ronaldo Rocha**

Graduado em Engenharia Mecânica pela Universidade Santa Úrsula; Licenciatura Plena em Informática pela Universidade Estácio de Sá; Suporte de TI e Professor de Informática do Colégio Santo Agostinho.

E-mail: [ronaldo@csa.com.br](mailto:ronaldo@csa.com.br)

### **Sandra Marques Parracho Sant'Anna**

Mestre em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira) pela UFRJ; Especialista em Literatura Portuguesa (Literatura Infantil e Juvenil) pela UFRJ; Licenciada em Português- Literatura pela FAHUPE; Bacharel em Português-Literatura pela FAHUPE; Professora do Colégio Santo Agostinho, desde 2000; Exercício do magistério por 38 anos como professora nas redes pública e particular da Cidade do Rio de Janeiro.

E-mail: [sanloumar@yahoo.com.br](mailto:sanloumar@yahoo.com.br)

### **Tatiane Marques de Oliveira Martins**

Pós-graduada em Psicopedagogia pela UFRJ; Especialista em Língua Portuguesa pela UERJ; Licenciada em Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela UERJ; Bacharel em Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela UERJ; Professora concursada do Colégio Militar do Rio de Janeiro (Língua Portuguesa e Redação), desde 1998 (este ano licenciada); professora de Língua Portuguesa do Colégio Santo Agostinho, desde 2001. Autora do livro *Poeme-se*, para o ensino das características da composição em versos e prática de leitura de poemas (ISBN978-85-374-0032-6)

E-mail: [tatianemomartins@gmail.com](mailto:tatianemomartins@gmail.com) Blog: <http://tatianemomartins.blogspot.com>